

Temporada de Caça

Walter Longo

Não faz muito tempo, os povos do Norte da América viajavam rumo ao sul em busca de exotismo e emoção. Hordas de gringos vestidos com camisa do Zé Carioca eram vistos por Salvador, Copacabana ou Manaus perambulando com suas cameras na mão, buscando eternizar para os amigos aquela atmosfera sensual, diferente e macunaímica. Hoje, parece que as coisas mudaram um pouco em fluxo e geografia, e a decisão de viajar à New York e caminhar por suas ruas é que pode ser chamado de uma aventura que deixaria o bwana Jim das Selvas emocionado.

Primeiro, ao desembarcar, aquela sensação agradável da moeda local desvalorizada em relação aos nossos fortes reais, pesos e guaranis que carregamos no bolso. Logo depois aquela experiência inesquecível de tomar um taxi em New York. São verdadeiros riquixás amarelos com seus motoristas mal encarados e barba por fazer, e uma grade envidraçada separando o banco da frente do de trás. Aliás, até hoje não consegui descobrir se o objetivo desse equipamento é proteger o motorista ou passageiro, mas confesso que me sinto melhor com ele entre nós. Na terceira tentativa desisto de falar inglês e passo a usar sinais para transmitir o endereço do hotel. Dou uma rápida olhada em direção ao registro da licença do veículo tentando identificar a procedência do condutor. Parece mais sobra de Letraset do que um nome verdadeiro. Não existe em nenhum lugar do planeta tanta consoante junta quanto nos nomes de motoristas de taxi da Big Apple.

Passear a pé pela cidade também tem se transformado numa visão surpreendente da convivência multiracial. Não é a toa que a Onu escolheu New York para reunir seu punhado de bem intencionados, e ainda melhor remunerados chanceleres e estadistas.

Na 5ª Avenida um grupo de Bangladesh à caráter exercita sua arte nativa em frente à catedral de Saint Patrick, enquanto jovens negros que parecem vestidos na Petistil dançam rap do outro lado da rua. Ambulantes de todas as cores e credos se espalham pela cidade montando suas barracas e oferecendo seus "legítimos" Rolex e Guccis aos incautos japoneses de excursão.

Embaixo de algumas marquises, mendigos fazem sua morada com conforto de elegantes poltronas abandonadas pelos habitantes do up-town, e se utilizam de carrinhos de supermercado para transportar os seus pertences. Quem observar atentamente vai notar que todo mendigo de New York tem seu carrinho de supermercado particular. É um símbolo de status patrocinado pelo varejo local.

Na calçada do Planet Hollywood, na elegante rua 57, uma longa fila de jovens latinos e europeus se forma para esperar horas a fio até ser convidada a entrar e comer um hamburger com gosto de Macdonald's e preço de Leopoldo's. Isso sem falar na camiseta hering que cada um

compra por trinta dólares e sai exibindo como um troféu. Na saída, não contentes, atravessam a rua e se postam na fila do Hard Rock Café. Mais horas de espera, mais hamburgers e camisetas.

Mas quem quiser realmente uma aventura perigosa, selvagem, cheia de odores e emoções fortes, nada mais indicado que um passeio no metrô de New York. Os subterrâneos de Manhattan estão lá, à mostra para quem quiser. É uma boa opção para quem decidir economizar seus cento e cinquenta dólares reservados para adquirir um ingresso no câmbio negro oficial (outro símbolo do outrora terceiro mundo) para assistir na fileira Z, atrás da coluna, o famoso Phantom of the Opera, cujo principal personagem também gostava de frequentar os sub-solos da cidade.

Estive por lá no mês passado em época de comemoração na rua 46, agora chamada de Little Brazil, a rua dos brasileiros e muambeiros. Semana da Pátria verde-amarela, desfilada e exibida em grande estilo para os nativos do local. Faixas de "Lula presidente" misturadas com "Abaixo o Mercosul" e "Salve as baleias", reunidas numa grande parada de alienação tropicaliente. Barraquinhas com churrasquinho de gato, apelidados de "tipical brazilian barbecue", se misturam às garrafas de Brahma espalhadas pelo chão e camisetas do Banco do Brasil exibidas com orgulho por mulatas e vendedores de acarajé e cocada. Nada mais típico, nada mais New York.

Numa das noites, convidado, vou assistir à entrega do MTV Video Music Awards. Luzes, câmera e ração. Na platéia um verdadeiro Simba Safari, repleto de bichos exóticos e diferentes à solta, circulando com desenvoltura e exibindo suas plumagens multicoloridas. Artistas e publicitários, modelos e rufiões, quase todos embrulhados para presente, com brincos e furos espalhados por todo corpo, perambulam saltitantes pelo ambiente avermelhado do Radio City Music Hall. Lá fora uma multidão é contida, por grades e policiais, na vã tentativa de uma simples visão do interior mágico e insano dessa celebração pagã. Trânsito e buzinas disputam o meu pavilhão auricular com milhares de decibéis eletrônicos e gritos de fãs alucinadas por um simples aceno de alguém que se acha famoso. Um gigantesco logotipo da MTV está pintado no asfalto da 6ª avenida, que à essa altura está coalhada de antenas parabólicas para que as networks possam dar flashes ao vivo do local. Ricupero não passaria nem perto, seja por precaução, ou por seu gosto musical beneditino.

A verdade é que, apesar, ou por causa disso tudo, continuo adorando essa cidade. Não sei se estamos melhorando, ou eles piorando, mas uma coisa é certa: nunca me senti tão em casa como essa semana em New York.